

Redacção e administração
R. de S. Martinho

Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMENARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 97

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 13500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º ANNO

A QUESTÃO CLERICAL

Independente da propaganda feita por centenares de opusculos e livros, independente do caracter abertamente anti-religioso da *Freethought Publishing Company*, da *National Secular Society* e d'outras emprezas e sociedades com caracter abertamente hostile a todas as religiões, independente de revistas anti-clericas como *The National Reformer*, por exemplo, de almanacks no mesmo sentido, independente de tudo isso, nas proprias revistas de caracter meramente litterario e scientifico, como a *Contemporary Review*, onde tanto escreveu Gladstone, como a *Westminster Review* e outras, se encontram artigos anti-religiosos.

Na Gran-Bretanha não duvida um bispo aceitar, em reunião publica, uma controversia com um livre-pensador. Bradlaugh teve d'essas controversias, com padres de todas as cathogorias, nas maiores cidades inglezas. Colleccionou algumas d'ellas n'um volume, que temos á vista, sob o titulo: «Debates in Theology».

Debates com quem? Lá o diz o livro: *Three Nights Discursion between the Rev. Joseph Baylee, D. D. (principal of St. Aidan's Theological College, Birkenhead) and Mr. C. Bradlaugh at the Tentonic Hall, Liverpool.*

Por conseguinte, tres noites de discussão, no Tentonic Hall, de Liverpool, um edificio que comporta immenso publico, com o reverendo Joseph Baylee, que era um figurão. E discussão sobre que? Lá o diz o livro: *On God, Man, and the Bible.* Sobre Deus, o Homem e a Biblia!

Mais duas noites de discussão, em Londres, perante numeroso auditorio, com o reverendo A. J. Harrison: *Two Nights' Discussion between the Rev. A. J. Harrison and C. Bradlaugh.* Sobre que? Sobre esta these declarada e franca: *What Does Christian Theism Teach? O que ensina o deísmo christião?*

Mais duas noites de discussão, em Nottingham, com o reverendo R. A. Armstrong. Sobre que? Sobre esta singeleza: *Is it Reasonable to Worship God? E' racional a adoração de Deus?*

Mais tres discursos do bispo de Peterborough com as tres replicas de Bradlaugh. Sobre que? Um discurso sobre o christianismo e o livre pensamento; outro sobre o christianismo e o scepticismo; outro sobre o christianismo e a fé: *Christianity in relation to Freethought, Scepticism and Faith.*

Estes debates, ou estas polemicas, temos nós, repetimos, colleccionadas em volume, sob o ti-

tulo atraz mencionado. Mas, além d'essas, outras soltas existem publicadas, travadas com outros bispos e padres em varias cidades do reino unido.

Ora comparem agora os leitores o que se passa na Inglaterra com o que se passa em Portugal, onde os periodicos, ainda os mais avançados, receiam falar em anti-clericalismo. Até ao combate ao jesuitismo chegam elles. Contra o clericalismo já falam a medo, não lhes vão fugir os leitores. Atacar a idéa de Deus, discutir a divindade de Jesus, criticar as doutrinas do christianismo, isso nem pensa-lo. Só o faz o *Povo de Aveiro*. Mas, infelizmente, o *Povo de Aveiro* é, sob esse ponto de vista, um periodico unico em Portugal.

Em Inglaterra discutem os padres com os livres-pensadores. Discutem o que entre nós é tido por blasphemia, aquillo cuja contestação é rigorosamente prohibida e castigada pelo *Codigo Penal*. A essas controversias assistem milhares de pessoas, que tomam parte n'ellas com o mais vivo interesse. Isto demonstra uma grande cultura, um estado de civilisação e de progresso verdadeiramente notavel. Demonstra mesmo a ausencia de fanatismo nos padres. Nem em França, quanto mais em Portugal ou Hespanha, um padre catholico aceita uma controversia, uma conferencia contradictoria com um livre pensador. Isso seria um attentado sem nome. A Igreja Catholica é indiscutivel. Nenhum padre catholico acceitaria tal controversia mesmo sobre os pontos mais secundarios de doutrina. Quanto mais sobre pontos fundamentais, como a existencia de Deus por exemplo!

Em Inglaterra discute-se tudo, e discute-se seriamente e serenamente.

Dois terços da população ingleza não seguem culto nenhum. Os que seguem o culto protestante estão divididos e subdivididos em seitas, algumas d'estas chegando a afirmações d'um radicalismo notavel, como os *unitarios* por exemplo. O movimento abertamente anti-religioso é notavel como temos demonstrado. Mas a propria Igreja official não tem comparação nenhuma com a nossa. A este respeito vale a pena ler Taine no seu livro *Notes sur L'Angleterre*, de pag. 209 a 215, edição de 1890.

Taine diz que o povo inglez é religioso e, para o provar invoca a suspensão de todos os serviços ao domingo. Ora isso não prova coisa nenhuma. Os leitores lião de ter notado que toda a gente quando quer afirmar a religiosidade da Inglaterra vem sempre com o tal argumento da suspensão dos trabalhos e dos

negocios aos domingos. E' das taes irreflexões em que, á força de se ouvirem, cahem homens de espirito superior como Taine. A suspensão de todos os serviços ao domingo prova simplesmente que o povo inglez escolheu esse dia para descanço e que, methodico e sensato como é, não deixa de descançar, no dia escolhido, por coisa nenhuma. Em todos os povos christãos o domingo foi e será, mesmo depois do christianismo ter passado de todo á historia, o dia de descanço, porque, a escolher um, não ha motivo para alterar ahi a tradição. Tem-se escolhido tradicionalmente o domingo? Pois continuar-se-ha escolhendo o domingo, desde que tanto importa que seja o domingo como outro dia qualquer. E como os povos de valor pratico, como o povo inglez, não deixam de dar ao corpo e ao espirito o descanço indispensavel, o povo inglez descança rigorosamente ao domingo.

Eis tudo.

Não é uma questão de religiosidade, porque a verdadeira religiosidade do povo inglez já nós a demonstrámos com argumentos incontestaveis.

Mas, pondo isso de parte, Taine demonstra muito bem a grande superioridade intellectual e moral do clero protestante sobre o clero catholico.

«A maior parte (padres) sahem das universidades de Oxford ou de Cambridge. Os que eu conheci liam todos o francez e tinham um fundo sólido de estudos preliminares, grego, latin, mathematicas, instrucção geral. Tinham lido Shakspeare e Tennyson; não ignoram os varios pontos de vista da interpretação, a historia da sua Igreja. Um d'elles deu-me detalhes sobre as redacções successivas do *Prayer-Book* e disse-me que melhor teria sido haver ficado na primeira. Outro é tolerante com os disidentes, censurando apenas a inclinação orgulhosa de cada um para uma doutrina particular. A este respeito, vêde o tom das suas revistas orthodoxas; é firme, mas não violento. Uma grande fracção da sua Igreja tem opiniões largas (*Broad church*). Liberaes, como o sr. Milmau, exegetas atrevidos, como o sr. Stanley, chegaram facilmente aos logares mais elevados na hierarchia clerical. Tudo isto indica uma média muito elevada de educação e de espirito, muito elevada, comparada com a do clero em França. Não são camponezes mal cosinhados pelo seminario, alimentados por theologia rançosa, afastados do mundo pelo seu papel, pelo seu celibato, pela sua falta d'uso, mas paes, mas eguaes, mas homens do mundo.» (Taine, obra citada.)

E' o que nós temos dito aqui cem vezes. O padre catholico é um monstro, é a conspiração permanente contra o homem, é o attentado perenne á natureza. No protestantismo pôde haver fanatismos, e tem-os havido, tão prejudiciaes como os catholicos. Mas o clero protestante não trabalha

systematicamente, permanentemente para elles, não os fabrica por officio como o clero catholico-romano. O padre protestante é casado, é pae, é homem com sanção e reconhecimento publico. A sociedade, não lhes negando os seus direitos de homem, não o torna um revoltado rancoroso, não lhe dá toda a perversidade dos eunucios como a sociedade catholica faz ao padre da Igreja de Roma.

O padre protestante tem a sua familia, vae com ella aos passeios, ás reuniões, aos theatros, goza todas as franquias dos outros cidadãos. Discute com os materialistas e os livres-pensadores sem ares de energumeno nem odios de fanatico. Lê a litteratura realista e não falsifica a historia. Não tendo a alma em Roma, a religião, se lhe perturba o cerebro, não o impede de ser cidadão e patriota, e, como tal, de ter amor á grandeza e á prosperidade do seu paiz, senão no sentido largo dos generosos ideaes humanos, que consideram a patria como elemento da humanidade, não a admitindo com os egoismos e exclusivismos das velhas monarchias, pelo menos n'este sentido restricto e mesquinho, bem mais sympathico, não obstante, que a indiferença cruel e cynica de Roma, que sobrepõe a tudo os seus negocios, os seus interesses, as suas ambições.

Jean Larocque, no seu livro *L'Angleterre et le Peuple Anglais*, diz, pag. 197:

«Pela sua ruptura com Roma, a Igreja anglicana lançou-se totalmente nas mãos do Estado; mas não tendo o Estado na Inglaterra nada d'aquelle despotismo que lhe démos em França, ella participa, de facto senão de direito, da liberdade de que gozam todas as instituições sociaes na Inglaterra. E', pois, nacional e, ao mesmo tempo, livre; é, sob este duplo aspecto, activa, poderosa, rica, respeitada; marcha á frente da sciencia e das idéas; dirige o ensino; toma a parte mais larga em todas as iniciativas superiores da consciencia nacional e do espirito publico.»

Não marcha á frente da sciencia nem das idéas porque isso nunca fez religião nenhuma. Sabese como o protestantismo perseguiu os homens de sciencia, como tratou, ainda hontem, Darwin e as suas doutrinas. Mas não ha duvida nenhuma que entre a Igreja de Inglaterra e a Igreja de França ha incomparavel differença, com todas as vantagens para a primeira.

N'esse ponto, Jean Larocque tem razão.

Tambem não foi a falta de despotismo do Estado que fez com que a Igreja Anglicana participasse da liberdade de todas as instituições inglezas. Foi a falta de força da mesma Igreja. Fosse a Igreja Anglicana unida,

disciplinada, compacta, absorvente como a Igreja de Roma e não seria ella que se lançaria nos braços do Estado mas o Estado nos braços d'ella. E adens liberdade! E adens progresso! Nem ella seria livre, livre como corpo nacional independente, nem instituição alguma.

Como Jean Larocque reconhece adiante, o protestantismo está dividido e subdividido. Na propria Igreja official não teem conta as divisões. Ora d'aqui resultaria necessariamente que nenhuma seita tivesse força para se impôr. D'aqui resultaria necessariamente a liberdade d'umas em relação ás outras. D'aqui resultaria necessariamente a liberdade de pensamento. E d'esta liberdade proveio a expansão que fez da Inglaterra a nação mais forte do mundo.

Procurar n'outra parte a origem da liberdade religiosa da Inglaterra é vér as coisas superficialmente. Não admittir que d'essa liberdade resultasse todo o estupendo progresso da nação ingleza é examinar e estudar com a mesma levandade e falta de criterio.

Não confundámos. Vejámos as coisas como ellas são e os factos ali estão falando bem eloquentemente. Os factos são estes: as religiões são despoticas, absorventes, tyrannicas sempre que pôdem dominar. Agarram o individuo e cumprimem-no e trituram-no e fazem d'elle um instrumento bestializado, cego, inerte. Ora a religião catholica dominou sempre pela sua unidade, pela sua cohesão, pela sua disciplina, que se tornou feroz, apertadissima, verdadeiramente temivel desde que se instituiu a Companhia de Jesus. E as nações onde ella dominou estacionaram, retrogradaram, succumbiram ou ficaram tão minadas de perturbações e intrigas que não conseguem dar passos seguros e resolutos na estrada do progresso. Taes são a Polonia, a Irlanda, a Hespanha, Portugal, Austria, Italia e França.

A religião protestante, essa nunca poderia ter a cohesão e a disciplina de Roma para o que lhe bastaria não possuir a Companhia de Jesus e os membros do seu clero poderem entrar na comunidade social e humana, constituindo familia e patria. O padre catholico não tem patria nem familia. O padre protestante tem familia e patria. Esta unica differença seria bastante para que o poder absorvente do protestantismo fosse sempre muito inferior ao poder absorvente do romanismo. Mas ha mais. O protestantismo, filho d'um grito de revolta, oriundo da rebellião da consciencia, nascido ao calor do livre exame, havia de ser sempre mais racional, menos tyrannico,

mais expansivo do que o catolicismo. D'aqui as suas divisões, que não tem sido senão aspirações á verdade. E, caso notavel, onde essas divisões foram maiores, foi onde a liberdade de consciencia se tornou mais ampla, onde a iniciativa individual foi mais fecunda.

Todas as nações que adoptaram o protestantismo, Suíça, Hollanda, Dinamarca, Suecia e Noruega, Alemanha, Inglaterra etc, caminharam mais seguras na evolução progressiva e tornaram mais estavel a sua politica. Mas de todas, a mais progressiva, a mais livre, a que attingiu maior grau de força e de prosperidade foi exactamente aquella onde o protestantismo mais se dividiu e, portanto, mais se enfraqueceu como Egreja. Foi a Inglaterra.

Que pensem n'isto todos os que nos leem. E que se convencam da verdade, da grande verdade, isto é de que a Egreja Romana é uma monstruosidade, um horror, o maior de todos os perigos e de que nunca déram nem darão passo as nações que se deixarem dominar por ella.

Nunca! Nunca!

Nações catholicas apostolicas romanas, sereis sempre vencidas na concorrência do progresso.

Vireis fatalmente a ser aniquilladas.

Esta é a convicção inabalavel de quem, como nós, tem estudado seriamente o assumpto.

E continuaremos.

EXAMES

O jury para os exames de saída do curso geral, no lyceu d'Aveiro é assim constituído:

Presidente, dr. Francisco Miranda de Carvalho Lobo; vogaes: Manuel Rodrigues Vieira, Alvaro de Moura Continho d'Almeida d'Eca, José Rodrigues Soares, Eduardo Silva, Hedefonso Marques Mano, Elias Fernandes Pereira e Francisco Augusto da Silva Rocha.

Divorcio singular

No tribunal de Faversham, Inglaterra, apresentou-se ha dias a mulher d'um rendeiro do condado de Kent, pedindo o divorcio contra seu marido.

Interrogada sobre as causas da sua resolução, respondeu que vira o espectro da primeira mulher de seu esposo, confessando-lhe este por essa occasião que a tinha assassinado e que a ella faria-lhe a mesma.

Os juizes julgaram mais conveniente, em vez de pronunciarem o divorcio, aconselhar a pobre mulher a que fosse consultar um medico alienista.

Os tysicos nos Estados Unidos

Telegrammas de Nova-York dizem que foi resolvido que sejam recambiados todos os emigrantes atacados de tuberculose que cheguem á America do Norte, cessando absolutamente qualquer tolerancia.

Como a inspecção sanitaria de bordo será d'ora avante muito severa, foi indicado ás Companhias de Navegação que não admittam passageiros tysicos com destino nos Estados Unidos.

Cartas d'Algueres

13 DE JUNHO.

Enquanto os liberaes se vão entretendo com as creanças do costume vai a reacção affirmando cada vez mais o seu poder. A reacção politica de braço dado com a reacção religiosa.

Os reacconarios tem o pulpito livre. Realizam livremente as reuniões que lhes agradam. Fazem e dizem quanto querem. Contra os democratas está sempre erguida a dirindana dos Veigas.

E' ver o que succedeu em Lisboa com a *Liberdade e Marselheza* e o que succedeu no Porto com o projectado conicio anti-jesuítico.

Era de esperar. Eu, pelo menos, nunca esperarei outra coisa. Conheço os a todos. Conheço os bem. Conheço-os até demais. Aos *Liberaes* é claro. E' d'esses que falo. E' d'elles que trato.

Conheço-os. São geralmente uns patetas. Minhocas não lhes faltam. Mas podem-lhes basculhar a cabeça á vontade que não encontram mais nada. Tem o dilettantismo pelintros dos ideaes, tem a pose do romantismo—não lhe herdaram mais nada—tem a sentimentalidade ignobil de todos os enfermeiros e de toda a sua bagagem intellectual e moral.

Caracter, não ha. Ora sem caracter, isto é sem o pensamento e sem a energia da execução, fica tudo reduzido a uma brincadeira. O que parece sério não passa d'uma macaqueada odiosa.

Os *liberaes* portuguezes vivem d'imitar quantos foram em Portugal e quantos são no estrangeiro sinceramente liberaes. E' uma tropa faudanga, é um exercito chinês.

Querem continuar assim? Então mettam-se em casa, que é melhor. Deixem-se de cavallarias altas.

Isto não é para os desanimar. Se fossem as minhas palavras de animação que os levassem ao bom caminho eu dava-lhes aos milhares. Não. Eu não os quero desanimar. O que eu não quero é vê-los fazer figuras ridiculas e fazermos-las todos por causa do maior número. Ora os chamados liberaes não tem feito senão figurinhas, com as excepções que ha em tudo, d'onde que principiou a questão.

Enquanto o governo lhes teve medo, foi a coisa bem. Mas desde que o governo, depois de lhes ter tomado o pulso, arremetteu com elles, perduse tudo.

Tenham paciência, mas não podem ser. Eu não pretendo que os senhores façam revoluções armadas. Mas nem só as revoluções a tiro tem valor. A's vezes são as que tem menos. Ha muitas maneiras d'um homem, como de um povo, se empôr. A gente impõe-se mais pela energia da razão do que pelos golpes da força. E' isto, por mais que affirmem o contrario.

Eu não pretendo, pois, que os senhores vão para a rua fazer barricadas, não que eu condene este recurso, mas porque os senhores não são, neste momento, capazes de o fazer vingar. E quando um homem não pôde, não dá com a cabeça nas paredes: enche-se de paciência e espera.

Eu não pretendo que os senhores recorram ás armas. Mas tenho o direito de exigir que sejam sérios, ao menos. Ora é séria a attitude dos liberaes que, tendo voz no parlamento, vieram cá para fora pregar aos peixes, enlendo-se lá dentro?

Isso é sério? Isso não é mesmo indecente? Isso dá autoridade ou força a alguém? Não ganhava mais a liberdade se os que ficaram calados em S. Bento ficassem calados em toda a parte?

Eu julgo que sim. E nem duvido afirmar que não passará de uma formidavel cavalgada quem julgar o contrario.

E' isso que mata os liberaes. A toda a hora demonstram que não tem convicções ou que, se as tem, são tão fracas que não arriscam por ellas a indisposição com um conhecido ou amigo. Quem manda lá em cima não queria que os *liberaes* parlamentares abrissem bico no parlamento. Só lhes concedeu licença para falarem cá fora. E os *liberaes* parlamentares acederam e conformaram-se, sem a menor reluctancia.

E' sério? E' digno?

Não. E' cem vezes indigno. E' peor, para a liberdade, que ter taes figuras como inimigos declarados e francos.

E' digno tambem que affionxassem todos os outros porque esses procederam assim, que todos ficassem desalentados porque se dissolveu a Liga do Porto, porque certos figuras se metteram no movimento anti-jesuítico com o fim exclusivo de servir interesses industriaes, commerciaes ou agricolas?

Estes traficantes existiram sempre em todas revoluções, em todos os movimentos sociaes e politicos, por mais nobres e generosos que estes fossem. Serão motivo para irritar. Nunca foram motivo para fugir.

Não ha duvida que o partido liberal é muito mais numeroso e tem muito mais adeptos em Portugal que o partido reacconario. Mas falta-lhe orientação e disciplina. Mas seja pelo que for, é sempre escarnecido e ludibriado.

Qual é a maneira de evitar esta vergonha?

E' uma muito simples: tenacidade e energia.

Não vão para a rua fazer barricadas. Deixem lá isso, que os senhores não sabem como isso se faz. E' preciso aprender primeiro. Mas barafustem, ao menos. Barafustem, falem, gritem, berrem, que os senhores tem tanta razão que a berrar emudecem os outros.

Mas berrem. Berrar não é falar no tom em que se comprimenta o padrinho. Berrem, gesticulem, mostrem um cara, arreganhem os dentes, imitem os cães ou as bestas quando se zangam, e verão como poem os adversarios a tremer.

Se o Hintze Ribeiro, quando publicou o decreto, sentisse em volta dos ouvidos a berraria que elle, e mais alguém, esperava, entontecia e já hoje não era, pelo menos, ministro d'Estado. Mas quando viu que lhe falavam de chapéu na mão, concluiu que se houvera simporio fora elle e mais ninguém. Elle, que já devia conhecer o seu paiz!

Os senhores *liberaes* não são capazes de conceber um plano de ataque e de o pôr em execução? Não tem força moral, nem intellectual, nem material para isso? Pois seja. Mas arranjam então uma canzoada, valha-os Deus. Batam com os dentes e berrem, homens do senhor. Se vier a municipal fujam, mas voltem, e voltem a gritar. Gritem, gritem, berrem, berrem sempre, gritem muito, berrem muito, batam com os dentes uns nos outros, façam carotas, deem mesmo uma dentada de vez em quando, corraam, gesticulem, bramem, cantem, levantem alarido e tem feito o bastante para deixar a tremer de medo quem pôde e quem manda.

O que não pôde ser é esta vergonhosa inercia, esta indigna platonice, estes emplastos de *Unidos e Ligas* liberaes com reuniões conselheiraticas, uma vez por semana, para trocas de impressões e palestras. Sejam tudo, menos ursos, menos sendeiros. Ursos e sendeiros no pélo. Que se o fossem nas ferraduras e nas patas, seriam os senhores a redempção de Portugal.

Vamos. Não se trata de barricadas. Não tenham medo. Já toda a gente sabe o horror do indigena ao cheiro do chamusco.

Trata-se só de não ficar a dormir como um porco e a discutir como um asno. Abram os olhos e a bocca e deitem ao menos berros cá para fora quando não possam deitar argumentos.

E verão que ganham a partida. E não de nos dar os agradecimentos.

A. B.

Arnaldo Ribeiro

Fez na passada quarta-feira exame de pharmacia na Universidade, ficando plenamente approvado, este nosso amigo e patricio. A elle, bem como a seu pae, o sr. João Bernardo Ribeiro Junior, conceituado pharmaceutico aveirense, as nossas sinceras felicitações.

Em Villa Real de Traz-os-Montes, no dia do Corpo de Deus, o cavallo que levava a imagem de S. Jorge, certamente penetrado de algum espirito, desatou aos coices e aos pulos, não havendo ninguém capaz de o segurar.

Esperava-se um milagre do santo, e não se esperou muito tempo.

Para escaramento de todos os impios, catrapuz! o santo rebolou no chão e ficou feito em cacos.

Foi a unica forma que o santo achou de protestar contra aquella exhibição grotesca a que o submettem todos os annos.

Jayne Duarte Silva

ADVOCADO

R. DO SOL—A VEIRO

ALVORADA DE MAIO

Inda não era dia
E ali, entre as pinhaes
Andavam os pariaes
Em grande gritaria,
Tal qual uma alvorada,
Da plebe enthusiasmada.

Porque era, pergunteei,
Essa alegria extranha
Quando é a dor tamanha
Que dá a negra lei
A tudo quanto existe?...
Folgaes! pois eu sou triste!

E as pobres avesitas,
Que são infima raça,
Votadas á desgraça
Taes como as creancitas
Dos pobres que batalham
Pelos que não trabalham,

Disseram-me contentes;
«Hoje é dia de gala
«E a terra inteira exala
«Aromas rescedentes.
«E' tudo um jubileo
«Aves, campina e ceu...»

«Festa dos miseraveis...
«E nós que tanto o somos,
«Saúdamos os assomos
«Dos dias amovaveis
«Em que todos os entes
«Hão de viver contentes...»

—Calai-vos visionarios!
A vossa crença é pura
Mas inda é muito escura
A fé dos proletarios
Que matam seus irmãos.
E vão morrer-lhe ás mãos!

Quando elles forem justos,
Vencendo o odio e a guerra
E libertando a terra
D'esses chacaes adustos
Então, rompendo a aurora
Da vida redemptora,

Cantaes a nova edade
O tempo da colheita
Em que a Razão, já feita,
Recolha a Liberdade
Qual hostia da Sciencia
Na curva da Consciencia.

Agora é, cedo, é cedo...
Que ainda as raças vis.
Forjam ideaes hostis
Nos arsenaes do medo:
Que o fructo não é vivo
Se não tiver cultivo.

Não, não canteis victoria!
Narrae antes as dores...
—Que os tristes luctadores
Oncam a propria historia
Para que esvoace a solta
O pollen da revolta!

Angelina Vidal.

ALVARO DE MORAES FERREIRA

MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.
Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Recio, 42 a 44

A esthetica do beijo

Impressionados com a campanha que se faz periodicamente na America contra o «abuso do beijo», nas relações sociaes, os viennenses abriram ha algum tempo um inquerito a respeito do «beijo no theatro»...

Foi dirigida, conta o *Journal des Débats*, uma circular ás pessoas competentes, e interrogaram-se as actrices de toda a Europa para se saber se se devia beijar a valer ou supprimir radicalmente este jogo de scena... As cartas affluiram aos montes. As artistas francezas deram brillantes respostas, mas apesar de as achar espirituosissimas, consideram-nas como terrivelmente superficiaes. As apreciações das actrices allemãs são mais elevadas, mais solidas, mais ponderadas, existem n'ellas uma reflexão sempre mais profunda e uma sede insaciavel de arte!

O beijo não é uma questão moral, é uma questão de esthetica. Todavia, discutiu-se com calor e houve opinões muito controversas. O beijo pôde ser indicado, sem ser dado, declararam muitas das interessadas.

Mademoiselle Clara Meyer exprimiu-se em termos categoricos:

— Nunca, por nunca ser; dar beijos não é permitido... E depois, se tudo se devesse realizar no palco teriamos de assassinar em certos casos; isso seria tão criminoso como deixar-se de beijar.

Esta linguagem simples e moderada é d'uma graça subtil...

Mademoiselle Irène Abendroth (cujo nome significa «o vermelho do crepusculo») foi da mesma opinião e protestou em nome dos seus sentimentos de familia.

— Cada um pôde fazer o que quiser; quanto a mim só me deixarei beijar por meu pae, meu irmão e meu noivo.

Só ao lêr o quesito que lhe era apresentado, corou até á meninã dos olhos. E digam lá que, no fundo, as actrices não são as mais virtuosas das mulheres...

D'um espirito mais pratico, mademoiselle Nuscha Butze, dedicada á arte, exprimiu-se com franqueza:

— No palco só beijo quando o papel o impõe e o auctor o exige; nem sempre é agradável. As resistencias parecem-me mais importantes nos bastidores.

Baseada em razões mais graves, mademoiselle Marie Pospischil pensa que:

— Quando a acção o determina é preciso beijar e deixar-se beijar... Pessoalmente não receio o beijo em scena, e um beijo a valer tem-me valido mais d'uma ovação.

Mademoiselle Helena Odilon completa esta opinião:

— Parece-me impossivel simular um beijo n'uma situação de interesse, sem eu propria fingir e tirar ao publico toda a illusão.

As opinões foram aos milhares; são estas as principaes, attendendo a fama das artistas que as emitiram.

Falleceu hontem n'esta cidade Maria da Conceição Pereira, esposa do sr. Albano da Costa Pereira, conceituado artista, a quem enviamos o nosso cartão de pezames.

Madeira

A madeira está encarecendo extraordinariamente por toda a parte, devido não só a ter augmentado em grandes proporções o seu consumo, mas porque pela carestia do ferro e do aço se tem abandonado o uso d'estes materiaes para os substituir pela madeira, principalmente como material de construcções.

Tem-se descurado entre nós por forma bem prejudicial a cultura das matias, ao passo que as já crescidas se vão desvastando.

Isto, juntamente com o progresso enorme que as industrias vão adquirindo, tornando as madeiras de uso constante á applicação d'industrias novas e velhas, como as do papel, da celluloido, do alcool, etc., tudo contribue para a carestia que as madeiras estão adquirindo.

SCIENCIAS & LETRAS

Época neolítica

(Continuação do n.º 96)

Entre os animais selvagens de que se alimentavam, encontram-se o *aurochs*, o *urus*, o javali, o porco dos pantanos, etc. Este ultimo, ainda selvagem em Moosseedorf, Wangen, foi pouco a pouco domesticado. O javali, de que descendem os nossos porcos d'orelhas compridas, só se encontra domesticado em Concise, onde a civilização da idade de pedra attingiu o seu mais alto grau. O cão, pelo contrario, encontra-se no estado domestico nas mais antigas estações. Parece que desde então houve algumas tentativas de domesticação do boi primitivo ou *urus*, do qual descendia a potente raça actual dos Paizes-Baixos; mas o boi domesticado, mesmo em Wangen, é o mais vulgar, é o *bos longifrons*, ou o boi das turfeiras, espécie de membros franzinos que teria da origem a pequena raça actual da Schwyz, chamada *raça castanha*, notavel pela sua facultade lactifera. Os habitantes lacustres utilizaram e desenvolveram esta preciosa facultade. Em varias estações, encontraram-se vasos atravessados até a base por séries de buracos que os tornavam improprios para receber líquidos; mas podiam servir para reter o coágulo do leite, e exgottar ao mesmo tempo o soro.

Existia uma espécie de carneiro com cornos de cabra, a que se deu o nome de *carneiro das turfeiras* e depois foi suplantado pela espécie de cornos recurvados, que é relativamente superior. Mas esta pequena espécie de carneiro tinha também, com o tempo, suplantado a cabra, abundantissima nas antigas estações. A domesticação do cavallo parece a Rütimeyer duvidosa e até improvavel.

A abundancia das reliquias de todos estes animais cresce à medida que as estações são mais recentes; e resulta da diminuição correlativa dos restos das espécies selvagens, que o homem abandonou pouco a pouco a caça pela pesca, pela agricultura e criação de gado.

Assim se consolidaram as duas bases essenciaes de toda a civilização: a agricultura e sujeição dos animais, que concorrem para libertar o homem da absorbente necessidade de correr todos os dias em busca d'uma alimentação incerta. Agora o trabalho d'uma parte do anno bastará para assegurar a subsistencia do anno inteiro; a propriedade desenvolver-se-ha simultaneamente com o desejo de occupar, e o espirito humano, subindo um grau na escala do progresso, poderá applicar-se a objectivos cujo fim immediato não será a conservação da sua propria personalidade.

Enfim, à tribu grupo social dos povos caçadores e pastores, desde muito condemnado a uma

immobilidade eterna, succeder-se-ha o municipio agricola: tornar-se ha possível a cidade d'onde sairá a nação.

II. As populações que pela mesma época se espalharam pelo Norte, não gosavam um estado de civilização tão adiantado. Os principaes testemunhos que nos deixaram são os *kjökken-møldings*, os tumuli.

Os *kjökken-møldings*, ou restos de cozinha da Dinamarca, são montões (1) que formam verdadeiras collinas junto das costas, chegando a ter 300 metros de comprimento por 70 de largura e 1 a 3 metros d'altura.

Os sílices talhados que n'elles se encontram, são em geral bastante grosseiros. Mas tem a forma da época neolítica. Os machados tem o gume cortante na sua parte mais larga, e são até parcialmente polidos.

São as conchas, as ostras, os mexilhões, as littorinas, etc., que serviram de alimentação ás tribus nómadas d'esta época, que constituem a massa principal dos *kjökken-møldings*.

Encontram-se n'elles vestígios da domesticação do cão, abundantes destroços do *urus*, mas não do rangifer. O castor, agora desaparecido, o alce, que já não vive senão nas regiões arcticas, e o gallo bravo, que se alimentava com os pimpollos dos pinheiros, etc., também deixaram nos *kjökken-møldings* vestígios da sua existência.

A presença de arcos, de bacalhaus, etc., que habitam o mar alto, indica que era conhecido o uso de canoas e de rédes. Acharam-se seixos arredondados, com uma ranhura ou um buraco, e que deviam servir de peso para essas rédes.

Os *kjökken-møldings* que, ainda mesmo os mais recentes, são os mais antigos vestígios do homem, correspondem ao nível inferior das turfeiras d'este paiz.

Estas turfeiras enchem profundas cavidades abertas no terreno glaciario subjacente. O centro d'ellas foi cheio de turfa ordinaria e d'alguns pinheiros. As paredes apresentam uma successão invariavel na ordem da sua vegetação florestal. No fundo ha pinheiros d'uma grandesa admiravel, denunciando, pelo numero das suas camadas de crescimento annual, uma idade de muitos seculos. O pinheiro já não existe na Dinamarca; nunca ali existiu mesmo nos tempos historicos, e tradição alguma indica que os habitantes do paiz o conhecessem. Todavia, a presença do gallo bravo prova que foi no tempo em que o pinheiro constituia o fundo da vegetação dinamarquesa, que viveram os auctores dos montões de destroços.

Os carvalhos substituiram o pinheiro. Primeiro, foi o carvalho de pequena altura, hoje quasi completamente desaparecido da Dinamarca; depois, um outro car-

(1) Formam-se ainda actualmente, se bem que em pequena quantidade, por toda a parte.

do elle em voz de estentor, que retumbou pelas abobadas fóra, — ás muralhas, ou faço-vos os ossos em estilhaços com este bastão!

Elles responderam-lhe de mau humor que o que elles desejavam era ir para as muralhas, com tanto que Testa-de-Boi os desculpasses para com seu amo, que lhes dera a ordem de velarem o moribundo.

— O moribundo, birbantes! replicou o barão. Eu vos prometto que todos seremos moribundos dentro em pouco se não tivermos mais energia. Mas eu vou mandar vos substituir junto d'esse vosso miseravel companheiro. — Olá, Ulfried!... bruxa!... demonio de feiticeira saxonia! tu não ouves? Vae cuidar d'esse doente, visto ser necessario que algum cuide d'ella, enquanto estes homens se servem das suas armas. — Aqui tendes duas

valho, o *Quercus pedunculata*, que occupa com o videiro moloso, matto, aveleiras e amieiros, a parte superior das turfeiras. E hoje é a faia que constitue as florestas dinamarquesas. A sua falta é completa á superficie das turfeiras.

(Continúa)

ZABOROWSKI.

Recita academica

Como opportunamente aqui noticiámos, realisou-se na passada quinta feira, no Theatro Aveirense, o festival dos estudantes do nosso lyceu para inauguração da sua bandeira.

A ordem do espectáculo foi a seguinte: 1.ª parte, Hymno Academico; 2.ª parte, Hymno Academico; 3.ª parte, Pizzicatto, de H. Carneiro; 4.ª parte, recitação de poesias pelos academicos Guilherme Souto Alves e Arnaldo Octavio Guimarães; 5.ª parte, a «Fabia em Aveiro»; 6.ª e ultima parte, Avant-jour, de Moraes.

Quando o panno subiu, fez uso da palavra o sr. João Marcellino Dias Pereira, um dos estudantes mais graduados do nosso lyceu, proferindo um discurso que agradou bastante. Depois seguiu-se o espectáculo pela ordem acima indicada.

A Tuna, sob a regencia do dr. E. da Cunha, colheu justos applausos, sendo escutados com attenção todos os seus numeros de musica.

A «Fabia em Aveiro» é a «Fabia» de F. Palha, modificada por F. de Vilhena, com ditos e allusões inoffensivas a typos e costumes aveirenses. A modificação foi propositadamente feita para esta festa academica, e os espectadores gostaram e riram. Para o papel de 1.ª bailarina não podiam ter achado melhor bazaruco do que o Fernando de Moura d'Eça, nem espinafre que melhor contrastasse do que o Innocencio Rangel. E era leve como um chumbo, a flamenga de Esgueira!

N'um dos intervallos, recitou d'um camarote o estudante Feliciano Soares; e no final, antes da Tuna executar o Avant-jour de Moraes, leu o estudante João Marcellino, o soneto *Um santo*, que foi profusamente distribuido e de que é auctor o professor do lyceu, Padre Vieira. Este soneto, cujo assumpto é a benevolencia do antigo professor de desenho, hoje aposentado, João da Maia Romão, foi escripto, não para esta festa, mas para a que os antigos discipulos do bondoso professor lhe fizeram, quando elle abandonou as lides do professorado.

béstias, camaradas com garruchas (1) e quadrellos. Para a barbacã, e que cada um dos vossos tiros acerte na cabeça de um saxão! Os homens, que, como a maioria da sua classe, gostavam do movimento e detestavam a inacção, marcharam alegremente para o logar do perigo, como lhe ordenavam; e a guarda de Ivanhoé foi confiada a Ulfried, ou Ulrica. Mas esta, cujo cerebro ardia com a lembrança das injurias e com a esperança de se vingar d'ellas, não tardou em passar para Rebecca o cuidado de velar o seu doente.

(1) Garruchas eram os cabrestantes com que se puchavam os arcos das béstias.

Na sexta-feira a academia, acompanhada pela Tuna, visitou todos os professores do lyceu, e finalmente o reitor, nas mãos de cuja filha depositou a bandeira que com tanto entusiasmo inaugurará, confiando-lhe a sua guarda. Por esta occasião leu o academico Marcellino um soneto adequado ao acto; pelo reitor foi oferecido um copo d'agua; e trocaram-se varios brindes.

A bandeira, que é de seda verde tem no centro, artisticamente pintadas a oleo pelo professor de desenho, Silva Rocha, três allegorias, representando a «Arte Nova», o «Renascimento da Litteratura Portuguesa», e o «Trabalho Escolar», enlaçadas pela legenda «Pro patria et scientia». A haste termina por uma esphera armillar de prata.

Em summa, a festa da nossa academia foi sympathica e entusiastica. Não obstante a proximidade dos exames, as colicas não os atrapalharam, e permittiram que representassem com approvação geral todos os tres actos da «Fabia em Aveiro». Oxalá que o mesmo lhes succeda, quando tiverem de representar no tablado do lyceu, perante um publico menos numeroso, é verdade, mas, tambem não é mentira, mais exigente. Para estes espectáculos é que não deve a *mise-en-scène* do sr. A. A. Duarte Silva, a cujos esforços se deve grande parte do exito alcançado pela academia na sua festa. O jogo de scena ali é outro. Não é tão movimentado, mas tem balanços em que é preciso saber-se aguentar.

Vejam, pois, se se aguentam.

Bibliographia

Estudos Historicos e Economicos.—Bazilio Telles. Livraria Chardron, successores Lello e Irmão.

Da acreditada livraria Chardron recebemos o volume citado e quem escreve estas linhas recebeu outro, directamente, de Bazilio Telles.

Recebemos os dois volumes ha um mez ou mais. Não temos referido nem agradecido a offerta, porque os livros de Bazilio Telles são d'aquelles que se lêem e nós, apesar de toda a nossa vontade, não o temos podido lêr e nem o lêmos todo ainda. Mal começamos agora. Varios trabalhos nos tem impedido de dar essa satisfação ao nosso velho amigo Bazilio Telles e, acima de tudo, á nossa consciencia.

Nós não lêmos um livro de um fôlego. Assim lêem os patetas e nós não temos humildesia nenhuma em declarar que o não somos. Lêmos de vagar, meditando, estu-

dando. Ora esse vagar tem-n faltado.

Deveriamos demorar até, talvez, esta noticia bibliographica visto que, repetimos, ainda ni podemos lêr o livro todo. Mas publicações tem urgencias q não se pôdem addiar além de ce to ponto. O livro está posto e circulação e não será devida de t passado a occasião da venda q os editores, pelo menos, desejarã a noticia.

Não lêmos tudo, lêmos pouco, até, mas foi o sufficiente para podermos concluir que tínhamos deante de nós um livro de excepcional valor.

Já vimos que não concordámos plenamente com certas apreciações de detalhe. Mas deixaremos isso para outro dia, porque havemos de voltar ao assumpto. Do que lêmos ficou-nos a convicção e a satisfação de que Bazilio Telles é dos raros que em Portugal estudam e sabem estudar, de que abordou um assumpto importantissimo para a educação e cultura nacional.

Sempre tivemos Bazilio Telles como um dos pouquissimos homens de merecimento do partido republicano. Merecimento moral, merecimento intellectual, notavel em absoluto, fulgurante comparado com a imbecillidade geral com que tomamos n'esse partido. N'elle andamos mettido, privámos com toda a gente que o constitue e só conseguimos encher-nos de tedio e de tristeza. Tédio pela inferioridade completa de quasi todos os que o dirigiam; tristeza por vermos perdida cada vez mais toda a esperanca de rehabilitação da patria portugueza.

Um homem, acima de todos os poucos de valia que encontramos, nos consolava, e afugentava, por segundos, essa tristeza. Esse homem era Bazilio Telles, em quem reconhecemos sempre um grande character e um bello talento.

Nunca encontramos motivo para alterar esta ideia, antes tudo a confirmava. Os seus ultimos livros *O Problema Agricola*, publicado o anno ultimo, e aquelle a que nos estamos referindo n'esta breve noticia, foram para nós a ultima confirmação.

Temos com isso uma verdadeira alegria: pela patria, que tanto precisa de filhos illustres, pela democracia, que tanto está pedindo nomes que a honrem, e pela sincera amizade que sempre nos ligou a Bazilio Telles.

E voltaremos a falar sobre os *Estudos Historicos e Economicos*, que logo de principio se nos denunciaram como um livro de grande valor, escripto por mão de mestre, como tal devendo ser lido e meditados por todos.

Descendo.—Poesias de João Lucio, editadas pela benemerita livraria França Amado, de Coimbra. Recebemos e agradecemos.

Queremos Luz.—Pamphletto em verso, anti-jesuitico, pelo sr. José Augusto de Castro.

Assumpto excellent e versos muito bons.

Os nossos applausos.

pulso e perguntando-lhe como se sentia, pateteou no gesto e na voz um interesse mais terrio do que desejaria mostrar. A sua voz era hesitante e a mão tremia-lhe, e só cahiu em si quando Ivanhoé perguntou friamente: «E's tu, amavel donzella?» lembrando-se de que as senças que ella experimentava não eram nem podiam ser reciprocas. Um suspiro, que mal se ouvia, lhe escapou do peito; e as perguntas que fez ao cavalleiro sobre o seu estado de saude foram feitas n'um tom de amizade tranquilla. Ivanhoé respondeu em poucas palavras que a respeito de saude estava bem e muito melhor do que havia esperado. — Graças, disse elle, aos teus serviços e engenho, querias Rebecca.

(Continúa)

(96)

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXVIII

—Um companheiro ferido! replicou elle furioso e attonito. Não admira que um bando de rusticos e *yeomen* levem a audacia até ao ponto de pôrem cerco a um castello e que os bobos e guardadores de porcos enviem carteis aos nobres, quando se vêem homens d'armas feitos enfermeiros e companheiros francos velando moribundos na occasião em que o castello está para ser assaltado. — As muralhas, canalha de preguiçosos! bra-

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de **Mannuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de lonça de Sacaven que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, pregos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MANUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continua a haver carros de alugar, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Carimbos de borracha



OS MAIS NITIDOS, PERFEITOS E DURAVEIS

Para industriaes, commerciantes, particulares e repartições publicas.

Fazem-se com promptidão e por preços modicos, na officina de guardasoes e candieiros, de

M. J. Soares dos Reis

19—R. dos Mercadores—23

AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de **H. Sienkiewicz**, auctor do

QUO VADIS?

tradução de **EDUARDO DE NORONHA**

300 rs. cada volume 300

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria **MONACO**, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

ALMANACH HACHETTE

PARA 1901

Já se acha á venda na livraria **Mello Guimarães**, d'esta cidade.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por **Manuel de Macedo e Roque Gamairo**.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam affectivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins (O GAFANHAO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa **Beirão**, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

PARÁ E MANAUS



Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil, passagens em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, em todas as companhias de paquetes, a preços reduzidos.

Vapores a sahir de Leixões e Lisboa.

As passagens tomadas n'esta agencia gosam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas companhias ao ars. passageiros; tambem se sollicitam passaportes e trata-se de obter no Porto e nas provincias todos os documentos necessarios para os mesmos.

Passagens gratis

Concedem-se a familias de agricultores, para o Estado de S. Paulo, pelos paquetes de 28 de maio e 13 de junho.

Para mais esclarecimentos, dirigir aos agentes habilitados, em harmonia com a lei.

Africa Occidental

Paquetes em 6 e 21 de cada mez.

ABEL, PAULO & PEREIRA

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO

TYPOGRAPHIA

DO

POVO DE AVEIRO

Encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e economia todos os trabalhos de impressão, taes como: cartões de visita, participações de casamento, mappas, facturas, livros, jornaes, etc., etc.

RUA DE S. MARTINHO

AVEIRO